

O sínodo para a Amazônia: entre conveniência pastoral e audácia socioecológica

The synod for the Amazon region: between pastoral convenience and socio-ecological audacity

Paulo Suess¹

Resumo

O macro bioma Pan-Amazônia exige cooperação, solidariedade e justiça mundial. Essa é a causa proposta pela encíclica *Laudato si'* e o sínodo para a Amazônia. Na avaliação desse sínodo, que se realizou entre os dias 6 e 27 de outubro de 2019 em Roma, dois documentos são particularmente importantes: o *Documento final* (DSA) com as conclusões da assembleia sinodal, e a exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* (QA) do papa Francisco. Ambos os documentos precisam ser articulados entre si, embora o texto dos padres sinodais tenha somente um valor consultivo. A exortação *Querida Amazônia*, em seus três primeiros capítulos, mostra uma ressonância profética do sínodo, colocando a encíclica *Laudato si'* no contexto da Amazônia. No entanto, decisões internas da Igreja católica que poderiam, na quarta parte do texto, fortalecer essa contextualização e sua bandeira ecológica e sociocultural, por meio de uma presença ministerial mais adequada, aguardam não só a luz verde do papa, mas sobretudo a reivindicação regional corajosa da voz do povo de Deus e dos pastores. A esperança não é a última que morre. Ela é, como nos diz Péguy, “a filha menor de Deus”, é “como um rio inesgotável” – como o rio-mar Amazonas.

Palavras-chave

Amazônia. Descolonização. Inculturação. Igreja sinodal. Harmonia pluriforme.

Abstract

The Pan-Amazon macro biome demands cooperation, solidarity and global justice. This is the cause proposed by the encyclical letter *Laudato si'* and the synod for the Amazon region. In the evaluation of this synod, which took place between 6 and 27 October 2019 in Rome, two documents are particularly important: the Final document (DSA) with the conclusions of the synodal assembly, and the post-synodal apostolic exhortation *Querida Amazônia* (QA) of pope Francis. Both documents need to be linked with each other, although the text of the synodal fathers has only a consultative value. The exhortation *Querida Amazônia*, in its first three chapters, shows a prophetic resonance of the synod, placing the encyclical letter *Laudato si'* in the context of the Amazon. However, internal decisions of the Catholic Church which could, in the fourth part of the text, strengthen this contextualization and its ecological and socio-cultural banner, through a more adequate ministerial presence, await not only the green light of the pope, but above all the courageous regional claim of the voice of the people of God and their leaders. Hope is not the last to die. It is, as Péguy tells us, “the smallest daughter of God” it is “like an inexhaustible river” – like the Amazon river.

Keywords

Pan-Amazon region. Decolonization. Inculturation. Synodal Church. Pluriform harmony.

¹ Doutor em Teologia pela Universidade de Münster. Bacharel em Teologia pela Universidade de Munique (LMU). Assessor teológico do Conselho Indígenista Missionário (Cimi). Contato: suesspaulo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Amazônia, com seus mais de sete milhões de quilômetros quadrados, é uma das maiores regiões de biodiversidade do planeta Terra. E dessa biodiversidade fazem parte a multiétnica e pluriculturalidade dos seus aproximadamente “33.600.000 habitantes, dos quais entre 2 e 2,5 milhões são indígenas” (DSA 6). Esses habitantes são cidadãos de nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela.

Amazônia é a terra de grandes distâncias geográficas, diversidades ecológicas e culturais. “Não são iguais as aldeias de pescadores às de caçadores, nem as aldeias de agricultores do interior às dos cultivadores de terras sujeitas a inundações. Além disso, na Amazônia, encontram-se milhares de comunidades de indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos e habitantes das cidades” (QA 32). Mas também para “as grandes distâncias geográficas e a megadiversidade cultural da Amazônia” (IL 18) vale que tudo está interligado.

Desde sua colonização, a partir do século XVI, até hoje, essa Amazônia é disputada, invadida e depredada por interesses econômicos externos e mentalidades extrativistas em busca de um Eldorado mitológico. Fauna e flora, minérios e madeiras, terras e “águas estão sendo tratadas como se fossem mercadoria negociável pelas empresas” (DAp 84) que fazem avançar a devastação ambiental da Amazônia e ameaçam a vida dos seus povos (SOUZA, 2019, p. 29-73; NOBRE, 2002, p. 81-90; DPSA6-22). Amazônia é “um espelho de toda a humanidade que, em defesa da vida, exige mudanças estruturais e pessoais de todos os seres humanos, dos Estados e da Igreja” (DPSA 2). Essas mudanças necessitam um pacto que vai além da microestrutura amazônica, “um pacto social e cultural” (EG 239), um pacto político e econômico. “Em virtude deste pacto, a Amazônia representa um *pars pro toto*, um paradigma, uma esperança” (IL 37) e um desafio para o mundo. Com o pano de fundo da física quântica, o papa Francisco cunhou na encíclica *Laudato si'* esse desafio como imperativo para uma nova consciência da humanidade: “Tudo está interligado” (LS 16, 91, 117, 138, 240), os micro e macro sistemas ecológicos estão interligados com os micro e macro sistemas sociais. Onde se rompe essa interligação, se rompe a corrente que garante a transmissão da vida. O macro bioma do planeta Terra, que é de todos e de cada um, exige cooperação, solidariedade e justiça mundial e planetária. Essa é a causa proposta pela *Laudato si'* e o sínodo para a Amazônia.

1 ITINERÁRIO DO SÍNODO

Na origem próxima desse sínodo está o *IV Encontro Pastoral da Amazônia* que se realizou, em Santarém, de 24 a 30 de maio de 1972 (QUARTO ENCONTRO PASTORAL DA AMAZÔNIA, 1972, p. 9-28). O evento que faz parte de uma série de encontros pós-Vaticano II (1962-65) e pós-Medellín (1968), insistiu na descolonização da pastoral amazônica propondo as seguintes quatro linhas prioritárias: “encarnação na realidade”, “evangelização libertadora”, “formação de agentes de pastoral” e “comunidades cristãs de base”. A “pastoral indígena”,

“estradas e outras frentes pioneiras”, “institutos de pastoral” e “meios de comunicação social” entraram no documento desse encontro como propostas de serviços pastorais. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) nasceu no mesmo ano.

Em 2007, na *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, de Aparecida, repercutiu o grito dos povos agredidos da Amazônia depredada (DAp 84) e das condições precárias da presença pastoral e ainda bastante colonial da Igreja (DAp 100). No dia 15 de outubro de 2017, dez anos depois de Aparecida, o papa Francisco convocou, a pedido de várias conferências episcopais, uma *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica*. Os prelados que pediram a realização desse sínodo queriam, a partir de sua experiência pastoral na região, avançar em algumas questões pastorais e pretendiam chamar a atenção do mundo para a tragédia ecológica na região. Desde o começo desta “pastoral libertadora” havia um vínculo entre defesa do meio-ambiente e pastoral. Além disso, o sínodo para a Amazônia seria uma boa oportunidade de encarnar a carta encíclica *Laudato si'* sobre o cuidado da casa comum e a exortação apostólica *Evangelii gaudium* (EG) sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual em um território concreto, na Amazônia.

Na constituição apostólica *Episcopalis communio* (EC), de 2018, o papa redefiniu a função dos sínodos na Igreja católica, porém sem mudar as estruturas que seria um pressuposto para transformar essa redefinição em uma nova prática: “O sínodo dos bispos deve sempre mais se tornar um instrumento privilegiado de escuta do povo de Deus: ‘Para os padres sinodais pedimos, antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama’” (EC 6). Entre os dois anos que se passaram da convocação à realização do sínodo para a Amazônia ocorrido nos dias 6 e 27 de outubro de 2019, foram ouvidas e sintetizadas as vozes de mais de 87 mil pessoas em múltiplas “consultas”, “assembleias”, “fóruns” e “rodas de conversa” (DAS 3).

O sínodo foi um *kairós*, que fez ouvir a voz de Deus na voz dos últimos. Esses, segundo a exortação *Querida Amazônia* (QA),

são os principais interlocutores, dos quais primeiro devemos aprender, a quem temos de escutar por um dever de justiça e a quem devemos pedir autorização para poder apresentar as nossas propostas. A sua palavra, as suas esperanças, os seus receios deveriam ser a voz mais forte em qualquer mesa de diálogo sobre a Amazônia (QA 26).

Essas escutas pareciam reforçar o tema do evento, *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*.

No final do sínodo, como previsto na *Episcopalis communio*, as conclusões da assembleia foram votadas e compiladas em um *Documento final* (DSA), que foi entregue ao papa. Francisco agradeceu, aparentemente de improviso, no final da assembleia sinodal: “Estamos aprendendo a pôr em prática este espírito sinodal” (FRANCISCO, 2019), disse o

papa. Mostrou inclusive que ele praticou a primeira virtude do “espírito sinodal”, que é a escuta. Escutou “todos os tipos de injustiças” praticadas na Amazônia. Falou da necessidade e “criatividade em novos ministérios”. Reconheceu que no sínodo “apareceram algumas coisas que precisam ser reformadas: a Igreja tem de se reformar sempre a si mesma”. Falou da formação ministerial *in loco*, não na sala de aulas. Disse “o que foi dito no documento e no decorrer do sínodo sobre a mulher é pouco”. Mencionou a possibilidade de criar “conferências episcopais setoriais” de “pequenas conferências episcopais” ao lado das conferências nacionais. Também na Cúria Romana deve-se “abrir um setor amazônico no Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral”. Registrou, de uma maneira muito espontânea, a necessidade de “uma reforma ritual”.

No final de seu discurso de despedida e agradecimento, Francisco pediu não olhar para as coisas pequenas, para quem venceu e quem perdeu com suas propostas pontuais. O melhor do sínodo foram “os diagnósticos que são a parte mais consistente”, o diagnóstico cultural, social, ecológico e pastoral. “Todos vencemos com os diagnósticos que fizemos e até onde fomos em questões pastorais e intraeclesiais” (FRANCISCO, 2019). Depois citou Péguy, que fala de grupos que insistem no “pequeno” e esquecem o “grande”. Por quê? “Porque não têm coragem de estar com o mundo, pensam que estão com Deus. Porque não têm a coragem de se comprometer com as escolhas de vida do homem, eles acreditam que estão a lutar por Deus. Porque não amam ninguém, acreditam que amam a Deus” (FRANCISCO, 2019). Não vamos perder tempo com este ou aquele ponto “intraeclesial” e perder de vista “o corpo do sínodo que são os diagnósticos que fizemos nas quatro dimensões” (FRANCISCO, 2019).

Mas os diagnósticos macroestruturais não estariam também interligados com as microestruturas nas quais acontece “o pequeno”? Os quatro sonhos da *Querida Amazônia* não estariam também interligados? “O sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos” (QA 7) não estaria também interligado com os sonhos das comunidades cristãs de um certo protagonismo pastoral, sacramental e ministerial, nos confins do mundo? A defesa do “sonho com uma Amazônia que guarda zelosamente a sedutora beleza natural” e da “vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas” (QA 7) ganha força em comunidades que almejam a sacramentalidade essencial de sua comunidade não “terceirizada”, dependendo por séculos de visitas externas e agendas alheias.

2 UMA CARTA DE AMOR

A exortação apostólica *Querida Amazônia*, do papa Francisco, se inscreve no gênero literário de uma “carta de amor” dirigida aos povos da Amazônia e do mundo. Nas quatro partes de sua carta, o papa fala com a Amazônia como se fala com uma amada, e conta seus quatro sonhos (QA 7) que procuram antecipar novas realidades e horizontes concretos nos campos social (QA 8-27), cultural (QA 28-40), ecológico (QA 41-60) e eclesial (QA 61-110) e

correspondem, em grande parte, às cinco conversões do *Documento final* dos padres sinodais (DSA): a conversão integral, pastoral, cultural, ecológica e sinodal.

Nas três primeiras partes de sua exortação, ou seja, nos seus sonhos social, cultural e ecológico – em seu conjunto, mais corajosos e inovadores que o quarto sonho –, o papa dirige-se a “todas as pessoas” e ao “mundo inteiro” (QA 4-5), enquanto na quarta parte, em seu sonho eclesial, se dirige aos “pastores e fiéis católicos” (QA 60). Muitas inspirações da exortação *Querida Amazônia* se encontram na encíclica *Laudato si'*, na exortação *Evangelii gaudium*, no *Instrumentum laboris* e no *Documento final* do sínodo.

Nos três primeiros sonhos da *Querida Amazônia*, o papa Francisco fala com sua amada Amazônia mais ou menos assim: “Além de sermos uma aliada estratégica (DSA 4), nós, a Igreja, te amamos apaixonadamente (QA 3), nós aprendemos muito de você (QA 26, 55) e nós te defendemos (QA 63), tua vida, teus direitos, tuas culturas e terras. Podes contar conosco no que der e vier”. Essa declaração de amor e solidariedade vale muito em uma situação na qual o avanço das motosserras, dos garimpos, da plantação de soja e da criação de gado tem aumentado a pressão sobre os territórios dos povos da Amazônia. No quarto sonho, em que o papa se dirige aos “pastores e fiéis católicos” (QA 60), portanto, ao público interno da Igreja, ele muda o tom, seguramente pressionado por setores internos da Igreja. Avanços pastorais discutidos com liberdade durante o sínodo não contribuíram para a almejada “harmonia pluriforme” (QA 61; EG 220) do papa.

Na realidade do nosso mundo secularizado, pode-se perguntar: de que depende o futuro da Amazônia? Depende, de fato: da luta pelos direitos dos mais pobres; da preservação da riqueza cultural; do zelo pelos rios e pelas florestas.

Na realização desses sonhos, a Igreja é uma aliada entre outras aliadas. Do “sonho eclesial”, cuja realização por hora oferece extremas dificuldades, não depende o futuro da humanidade. O futuro da humanidade: não depende de uma Igreja com “rostos novos com traços amazônicos” (QA 7); não depende diretamente de condicionantes da Igreja católica para o celibato dos padres; não depende da superação do vácuo sacramental nas regiões amazônicas afastadas dos centros urbanos; e, a rigor, não depende da cristalização de conceitos patriarcais sobre o papel possível da mulher no interior da Igreja.

Pode-se relativizar a importância do sonho eclesial para o futuro da Amazônia e a vida do mundo, embora a centralização pastoral, os vácuos ministeriais nas comunidades e as restrições ministeriais face ao pleno exercício da igualdade das mulheres, contribuíram para ampliar a esfera de influência de grupos fundamentalistas em espaços públicos. O que não se pode relativizar nesse sonho eclesial é a sua coerência e sua relevância para a própria Igreja.

A Igreja se torna uma aliada dividida e enfraquecida, somando seus esforços em defesa da Amazônia com os de outros aliados, por outros motivos, também enfraquecidos e divididos. Na força da aliada eclesial, que é sua experiência histórica e sua motivação religiosa, está, ao mesmo tempo, a sua fraqueza, que são suas cristalizações culturais, suas contradições

doutrinárias e seu tradicionalismo político embutidos nessa mesma história representada por um setor em luta permanente por sua hegemonia.

3 HARMONIA PLURIFORME E AUDÁCIA

Dois documentos oficiais marcarão a caminhada pós-sinodal: primeiro, o *Documento final* da própria Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos que assumiu como título o tema que o papa Francisco deu a esse sínodo, *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, e que foi entregue ao papa no último dia da assembleia (27 de outubro de 2019); segundo, o documento, no qual o papa Francisco deu, como de costume, a sua ressonância ao evento sinodal através de uma exortação apostólica pós-sinodal que denominou *Querida Amazônia*. Essa exortação se dirige “ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade” e faz parte do “magistério ordinário do sucessor de Pedro” (EC 18).

A comparação do *Documento final*, dos padres sinodais com a *Querida Amazônia* do papa, nos permite ver dois polos que podem gerar luz para um longo caminho que ainda deve ser percorrido, sem vencedores e sem vencidos. Polos geram luz por serem diferentes. Um pensamento esclarecido só é capaz de compreender a si mesmo quando se relaciona com seu “outro”, que pode ser oposto ou complementar, concomitantemente universal e regional.

Enquanto no *Documento final* prevalece a paixão contextual, sobretudo quando se trata de propostas concretas para o tempo pós-sinodal, na *Querida Amazônia* sente-se mais a responsabilidade universal que não se esqueceu da “paixão contextual”. Na exortação *Querida Amazônia* do papa, o *Documento final* não é explicitamente citado. Mas Francisco o apresenta “de modo oficial”, convida “a lê-lo integralmente” e atesta aos seus autores um conhecimento bom da “problemática da Amazônia, porque são pessoas que nela vivem, por ela sofrem e que a amam apaixonadamente” (QA 3). Por isso, a exortação *Querida Amazônia* deve ser articulada com o *Documento final* do próprio Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica, mesmo ele não respondendo a algumas propostas concretas.

Ao longo do sínodo, o papa ouviu as intervenções e, além do *Documento final*, como assegurou, leu também com interesse as contribuições dos Círculos Menores. Francisco não se propôs, como escreve, a “desenvolver todas as questões amplamente tratadas no documento conclusivo” (QA 2). Tampouco se propôs a substituir ou a repetir o *Documento final* (QA 2). Na *Querida Amazônia* desejou “apenas oferecer um breve quadro de reflexão que encarne na realidade amazônica uma *síntese* de algumas grandes preocupações já manifestadas [...] em documentos anteriores, que ajude e oriente para uma recepção harmoniosa, criativa e frutuosa de todo o caminho sinodal” (QA 2, grifo do autor). Pode-se pressupor que as propostas concretas do *Documento final* foram silenciosamente assumidas pelo papa e que a *Querida Amazônia* devolve questões regionais não à uma “conferência episcopal nacional” mas “regional” ou “setorial”?

Diversidade cultural e distância geográfica dificultam a “harmonia pluriforme” (QA 61; EG 220) e a “recepção harmoniosa” (QA 2) que são ideais de convivência do “bem viver”. Também nos escritos do papa Francisco, a construção dessa “harmonia pluriforme” está sempre presente como a meta de ofício de um construtor de pontes e diálogos.

Na *Evangelii gaudium*, Francisco já explicou que a diversidade cultural não é uma ameaça à unidade da Igreja: “O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia [...]. É ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade” (EG 117). A “harmonia pluriforme” (EG 220) é um processo lento e árduo. Na *Laudato si'*, Francisco coloca essa “harmonia pluriforme” no contexto mais amplo da “ecologia integral” e propõe que dediquemos “algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação” (LS 225). Precisamos “refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia” (LS 225). Isso vale também para a harmonia nas famílias (AL 82, 146).

Os povos indígenas, descendentes de culturas e civilizações anteriores às colonizações portuguesa e espanhola, chamam essa harmonia integral, que inclui todas as dimensões da vida, de condição do “bem viver”.

Trata-se de viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo, pois existe uma intercomunicação entre todo o cosmos, em que não há excludentes ou excluídos e em que podemos forjar um projeto de vida plena para todos. Tal compreensão da vida é caracterizada pela conexão e pela harmonia das relações entre a água, o território e a natureza, a vida comunitária e cultural, Deus e as várias forças espirituais. Para eles, “*buen vivir*” é entender a centralidade do caráter relacional transcendente dos seres humanos e da criação, e supõe um “*buen hacer*” [...] dialogando entre a sabedoria e a tecnologia de seus ancestrais e aquelas adquiridas modernamente. (DSA 9, grifos do autor).

O “bem viver” e o “bem fazer” são sonhos do porvir histórico de todas as culturas e não realizações de unanimidade.

Na história da Igreja, concílios e sínodos quase nunca foram lugares de unanimidade teológica ou política. Geralmente podem alcançar maiorias ou aproximações à “harmonia pluriforme”, mas praticamente nunca unanimidade. Em seu livro famoso, *A alma imoral*, o rabino Nilton Bonder conta que nas antigas tradições judaicas, a unanimidade era suspeita. Em julgamentos de penas capitais, em caso de unanimidade na condenação de um réu, o julgamento, segundo o Tratado de Sanhedrin, não valeu e o réu é colocado em liberdade (BONDER, 1998).

Na “harmonia pluriforme” não se trata de unanimidade nem de um “consenso de escritório” (EG 218), que “pretende ignorar ou dissimular os conflitos” (GeE 89) ou se torne prisioneiro deles. Segundo Francisco, a aproximação à “harmonia pluriforme” é possível ao enfrentar o conflito e “transformá-lo no elo de ligação de um novo processo” (EG 227). A

“harmonia pluriforme” (QA 61; EG 220) e a “recepção harmoniosa” (QA 2), segundo Francisco, não são panos quentes sobre o espírito profético na Igreja. “As verdadeiras oluções nunca se alcançam amortecendo a audácia, subtraindo-se às exigências concretas ou buscando culpas externas. Pelo contrário, a via de saída encontra-se por ‘transbordamento’ [...] para poder assim reconhecer um dom maior que Deus está a oferecer.” A Amazônia desafia-nos a “buscar caminhos mais amplos e ousados” (QA 105) de presença e defesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que o papa Francisco começou a acenar com a concretização pastoral de seu pensamento, tocar em privilégios, prerrogativas e tradições cristalizadas, senti uma forte resistência de setores tradicionalistas sem conhecimento histórico da região e sem vínculo ou experiência com a situação pastoral da Amazônia. E esses setores conseguiram se impor na redação final da *Querida Amazônia*, ameaçaram romper com a unidade eclesial e acusaram o papa de ser herético. Atrás de afirmações excessivas de ortodoxia há geralmente uma “inflamação silenciosa” que no campo de saúde, acompanha as doenças crônicas e, sem causar sintomas, destroem a vida dos pacientes. Na Igreja, essas “doenças crônicas” têm nomes específicos: desconhecimento histórico, colonialismo, clericalismo, tradicionalismo e preconceito. Por causa do desconhecimento histórico, do preconceito cultural e da ganância econômica se colocou em muitas decisões pastorais inovadoras uma etiqueta de preço e um parágrafo de doutrina descontextualizada. Plantas, animais e povos continuam a desaparecer. “O avanço das fronteiras econômicas, a expansão das frentes agrícolas [...] e a mercantilização da natureza pelo capitalismo aceleraram as taxas de destruição ambiental. O prejuízo é grande, quando se sabe que quase toda a farmacopeia moderna [...] é baseada no conhecimento dos pajés” (SOUZA, 2019, p. 64).

Como aconteceu com os documentos do Vaticano II, também na *Querida Amazônia* foram textos enxertados que aproximam o “sonho eclesial” a antigos pesadelos. Por setores que nunca estiveram na Amazônia, o papa foi forçado “ceder” fazer concessões no texto de sua exortação para poder avançar posteriormente na pastoral da região amazônica. “Perder os anéis, para salvar os dedos” – mais tarde saberemos melhor se foi o mal menor ou a perda de um *kairós*.

Contudo, o espaço conjuntural do sínodo para a Amazônia não nos deixou totalmente na penumbra. De madrugada, o galo insiste em cantar. Sabemos que a participação sinodal do povo de Deus aguarda mudanças estruturais e precisa ser ancorada no Direito Canônico. “Comunhão” e “participação”, que foram palavras-chave da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, de Puebla (1979), até hoje esperam a sua homologação eclesiástica.

A constituição apostólica *Episcopalis communio* propõe cinco tarefas elementares na hermenêutica e prática dos sínodos: a missionariedade como desdobramento da Igreja sinodal (EC 1); o serviço episcopal como tarefa de mestres e discípulos (EC 5); a escuta do Espírito

Santo na escuta de todos os batizados (EC 5); a inclusão do povo de Deus como sinodais através de amplas consultas (EC 6); e o discernimento inculturado na realização das propostas do sínodo (EC 7).

Portanto, o ponto de chegada das conclusões sinodais é sua recepção inculturada no povo de Deus (EC 7) e “as conferências episcopais coordenam a atuação das referidas conclusões em seus territórios” (EC 19). Existem portas abertas para continuar o processo de descolonização e libertação, de inculturação e descentralização. A súplica do papa é uma ordem para a Igreja: “Deus queira que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho” (QA 4). A “recepção harmoniosa” do sínodo que “nos permitirá chorar pela Amazônia e gritar com ela diante do Senhor” (QA 56) é o veto contra uma recepção sem conversão, com vencedores e vencidos. A convocação do povo de Deus como interlocutores em “assembleias”, “seminários” e “rodas de conversa” sem participação desses interlocutores nas decisões do sínodo mostra, no mínimo, certa desconfiança no “instinto da fé” com que “Deus dota a totalidade dos fiéis” (EG 119; LG 12).

O sínodo para a Amazônia era, como todos os sínodos, um sínodo episcopal e não um sínodo do povo de Deus. Os incentivos da *Episcopalis communio* para consultar esse povo de Deus (EC 6), antes e depois da realização de um sínodo episcopal, não encontram a ressonância que merecem, porque não são amparados pelo Direito Canônico com o direito a um voto deliberativo.

Aparentemente, pouco mudou nossa prática pastoral pós-sinodal. Continuamos a chegar depois de meses ou anos às comunidades. O povo, que avistou o nosso barco de longe, reunido na beira do rio, solta foguetes para avisar à comunidade: o padre está chegando. No porto, a professora do lugar com as crianças que cantam uma canção de boas-vindas, abraços com @s catequistas e o povo. Depois, em procissão, não muito litúrgica, todos subindo para a capela, troca de novidades, catequese para as crianças, confissões noite adentro, enquanto @s catequist@s estão ensaiando os cânticos para a celebração da missa. No outro dia, mais uma missa, batizados devidamente preparados pel@s catequistas, casamentos, visita aos doentes, almoço em clima de festa. À tarde, despedida no porto, canções, abraços de adeus e o “Jonas”, que era o nome do nosso barco, se afasta devagar da ribanceira rumando ao encontro com a próxima comunidade.

Quando essas comunidades terão seus próprios sacerdotes, “podendo ter uma família legitimamente constituída”, como os bispos pediram no *Documento final* (DSA 111)? Disso não depende o futuro da humanidade, mas a coerência da Igreja. Amazônia pós-colonial tem futuro, como sonho ou realidade? A vida humana na Amazônia é sustentável além de tecnologias sofisticadas e da integração ao sistema capitalista que só funciona com a perspectiva de maximização do lucro numa sociedade de desigualdades profundas?

A avalista do futuro da Amazônia é a esperança, que segundo Charles Péguy, é a “filhinha menor” de Deus. “A fé é uma esposa fiel. A caridade é uma mãe.” Mas “a esperança é

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

uma menininha de nada. Que veio ao mundo no dia de Natal do ano passado”. “Entretanto, é essa menininha” que é “invencível”, “imortal”, “uma chama ansiosa que atravessou a espessura das noites, [...] impossível de apagar-se. [...] E é essa filhinha menor (do bom Deus) que atravessará os mundos” (PÉGUY, 1912 apud ALMEIDA, 1958). ✨

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.** Instrumentum laboris para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BONDER, Nilton. **A alma imoral.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si’:** sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Constituição apostólica Episcopalis communio.** Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco no final da assembleia sinodal. **Santa Sé,** 26 out. 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191026_chiusura-sinodo.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium:** ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Gaudete et exultate:** sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris laetitia:** sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. **Querida Amazônia:** exortação apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

NOBRE, Carlos A.; NOBRE, Antônio D. O balanço de carbono da Amazônia brasileira. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 16, n. 45, p. 81-90, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9870/11442>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

PÉGUY, Charles. O pórtico do mistério da segunda virtude. In: ALMEIDA, Guilherme de (Org.). **Poetas de França.** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

PÉGUY, Charles. **Os portais do mistério da segunda virtude.** Lisboa: Paulinas, 2014.

QUARTO ENCONTRO PASTORAL DA AMAZÔNIA. Linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia. Santarém, 24-30.05.1972. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Desafio missionário:** documentos da Igreja na Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2014. p. 9-28.

REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA. **Amazônia:** novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento preparatório para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2018.

SANTA SÉ. **Amazônia:** novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia:** do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SUESS, Paulo. **Dicionário da Laudato si':** sobriedade feliz. São Paulo: Paulus, 2017.

Recebido em: 31/05/2020.

Aceito em: 24/07/2020.